

PROGRAMA E RESUMOS

Simpósio OUSIA 2017 :

ARISTÓTELES E O MOVIMENTO

	Segunda 4/09 Salão Nobre	Terça 5/09 Salão Nobre	Quarta 6/09 Sala Celso Lemos
9h/10:00h	Defesa de Tese		
10h/11:30h	Eraci Gonçalves	Comunicações Thiago Costa Ponte Mariane Farias de Oliveira Gabriel Moraes Dias de Souza	
11:30/12h	INSCRIÇÕES E CREDENCIAMENTO	Café	
12:00/13h30 Sala Celso Lemos/		Mesa Redonda Susana de Castro Carla Francalanci	
13:30/15:30		Almoço	Comunicações Campo Elías Flórez Pabón Bruno Conte André Alonso Matheus Oliveira Damião Francisco Caruso Roberto Moreira Xavier
15:30/17:30 Sala Celso Lemos/Salão Nobre	Abertura Fernando Santoro Francisco de Moraes Rafael Barbosa	Mesa Redonda Ana Flaksmann Luis Felipe B. Ribeiro	Café 16:30-17:00
17:30/18h	Café	Café	Encerramento 17:00 Pierre-Marie Morel
18h/20h00 Sala Celso Lemos/Salão Nobre	Mesa Redonda Marcus Reis Thomas Benatouil	Mesa Redonda Lucas Angioni Isabelle Koch	

RESUMOS:

SEGUNDA-FEIRA 04/09

Mesa 1 - 15h30 - 17h30

ABERTURA

Rafael Mello Barbosa (CEFET-RJ)

Como pode o movimento ser um ato?

Ao que parece é desde os Pitagóricos que a filosofia grega erigiu e manteve a tábua de contrários onde de uma lado está o ser e do outro o não-ser, e o mesmo se dá com a direita e esquerda, com o limite e o ilimitado, com o macho e a fêmea, com a luz e a escuridão, com o bom e o mau e, também, com o repouso e o movimento.

Ainda que muitos dos filósofos gregos julgassem válida tais divisões, Aristóteles, em sua Física, subverte o lugar do movimento, considerando-o como algo que não deve estar do lado do não-ser. Aristóteles não só considera o movimento como algo que deva ser dito em ato, mas igualmente a noção, em conjunto com a 'mudança', que esclarece a noção de natureza.

Natureza é uma das noções capitais da ontologia aristotélica. É uma noção fundamental para compreender a noção de princípio e no que tange de vir-a-ser é paradigmática, uma vez que os demais tipos de vir-a-ser ou se realizam sob o auspício da natureza ou contrário a ela. Se não é possível pensar a ontologia aristotélica sem a noção de natureza, também não é possível pensá-la sem a noção de movimento.

Todavia origem da interpretação desta noção na obra aristotélica carrega consigo o apreço pela tábua de contrários pitagórica. Simplicio, que é para nós o primeiro comentador da Física de Aristóteles, pela força das suas convicções julga que deve recolocar a definição de movimento apresentada por Aristóteles, apresentando-o agora não como ato, mas como algo dito da potência. Assim aquilo que fora apresentado inicialmente como "ato do ente em potência enquanto tal" é vertido por este comentador em "passagem da potência ao ato". O agravante é que a história de aceitação desta versão por grande parte dos comentadores posteriores a torna não uma versão, mas algo que equivale a definição propriamente, ou ao menos a explicitação dela.

Nesta apresentação, procurarei mostrar alguns dos equívocos desta versão e como é possível pensar positivamente o movimento como algo ligado ao ao princípio, ao ser e ao ato.

Francisco de Moraes (UFRRJ)

Alma e movimento no De anima de Aristóteles

No De anima, Aristóteles combate expressamente a noção de que a alma faz mover o corpo por estar ela própria em movimento. A crítica de Aristóteles se dirige a todos que consideram que a alma se move por natureza e não acidentalmente, pois, para ele, “não é necessário que aquele que faz mover também esteja ele próprio em movimento.” (406 a 3) Para refutá-los, Aristóteles busca extrair consequências absurdas de seus argumentos, baseando-se na evidência de que existem apenas os movimentos de locomoção, alteração, crescimento e decaimento. (406 a 13) Quero analisar em minha fala o papel que essa crítica desempenha na ‘definição’ aristotélica da alma como “atualidade primeira de um corpo natural que tem em potência vida” (418 a 27) Com isso, pretendo mostrar que se a alma não se deixa conceber como estando ela mesma em movimento, tampouco ela se deixaria conceber sem este último. Em questão está, portanto, a relação entre corpo e alma à medida que a alma não admite ser compreendida como existindo a parte e separadamente do corpo.

Mesa 2 – 18h00 – 20h00

Carla Francalanci

Sobre a relação entre movimento, desejo e linguagem – Aristóteles e Freud

Este trabalho visa comparar a concepção aristotélica apresentada em De Anima III (Capítulos 9 a 11) com a que é exposta por Freud, no texto “A negação” (“*Verneinung*”), aqui tomada como uma reelaboração da teoria aristotélica, acerca da relação entre movimento, desejo e juízos.

Thomas Bénatouil

Types de mouvements et âmes chez Aristote. À propos de l'unité du vivant

Les rapports entre les types d'âme et les formes de mouvement, en particulier la frontière entre plantes et animaux chez Aristote, pour laquelle le mouvement local est un critère et qui permet aussi de poser la question du rapport entre mouvement et vie.

TERÇA-FEIRA 05/09

COMUNICAÇÕES 1 - 10h00 - 11h30

Thiago Costa Ponte

O infinito em Aristóteles

O tema do infinito é, desde o surgimento da filosofia pré-socrática, um tema essencial e muito influente na história da filosofia, e a visão aristotélica do infinito influenciou muito o período medieval e a modernidade, tanto para os que concordavam com a visão aristotélica quanto para os que discordavam. O objetivo deste trabalho é abordar sinteticamente a natureza do infinito em Aristóteles, suas variações e suas manifestações, passando por alguns pontos de discussão mais relevantes. Porque o infinito deve existir, porque ele é acidente, e não substância, os diferentes tipos de infinito, o infinito no espaço e o infinito no tempo. Isso é feito através de uma análise da Física, em especial do livro 3, onde Aristóteles trabalha o movimento e o infinito, relacionando-o com a Metafísica.

Mariane Farias de Oliveira

A noção de φύσις no argumento contra a espontaneidade do movimento circular em De Caelo II.5

Em De Caelo II.5, Aristóteles afirma que, para assegurar a natureza eterna do movimento circular, não podemos dizer que a direção do movimento dos planetas pode se dar por sorte ou espontaneidade. O que assegura que a direção do movimento dos planetas não se dê por sorte ou espontaneidade, neste argumento, é garantido pela suposição de que a φύσις (288b1) sempre determina o melhor curso possível. Tendo em mente a concepção de natureza apresentada no livro Lambda da Metafísica, é difícil compreender como o argumento em De Caelo não recai em circularidade, pois, sendo a natureza "em sentido estrito a substância das coisas nelas mesmas, bem como a fonte do movimento" (1015a13) e, tomando o sentido mais apropriado de substância neste caso, apresentado em 1017b10 de que "chamamos de substância os corpos simples, i.e., terra e fogo e água e tudo o que for dessa sorte, e em geral corpos e coisas compostas por eles, tanto animais quanto seres divinos, e as partes destes", parece então que a concepção de φύσις que assegura a direção do movimento circular dos planetas retorna à concepção do que se quer explicar. Nosso objetivo é apresentar os problemas lógico-metodológicos em que recai o argumento contra a espontaneidade do movimento no De Caelo e uma alternativa de leitura, desvinculando a leitura deste argumento da Metafísica e vinculando-a às concepções de substância das Categorias.

Gabriel Moraes Dias de Souza

A DIMENSÃO DO MOVIMENTO NO CONCEITO DE "PHANTASÍA" EM "DE ANIMA" III.3

O trabalho em questão pretende abordar o conceito de φαντασία (phantasía = imaginação/representação) como um tipo de κίνησις (kínēsis = movimento), tendo para isso o capítulo três do terceiro livro do tratado aristotélico "De Anima" como recurso incentivador. Especificamente dessa particularidade conceitual talvez possam vir à tona indícios capazes de oferecer maior compreensão acerca dos vínculos entre sensibilidade e pensamento humanos. Sob essa perspectiva, desde o início se tornam fundamentais algumas considerações voltadas aos valores semânticos que circundam o termo "phantasía", sendo, por isso mesmo, um adequado ponto de partida para estudos mais apurados relativos ao conhecimento. Em meio a essa conjuntura, portanto, a motivação real passa a ser o seguinte fragmento do Tratado: "a imaginação parece ser um certo movimento e não ocorrer sem percepção sensível – mas apenas naqueles que têm percepção sensível e a respeito daquilo de que há percepção sensível (...)" (DA III.3, 428b11 ss.). Por certo, à medida que esses assuntos são visitados e revisitados, torna-se mais aceitável o nível da existência do ser animado que, mediante a configuração representativa da "phantasía", tem a movimentação de sua própria vida orgânica e de apetites orientada por ela. É por essa via exploratória, então, que os assuntos mencionados serão vistos.

Mesa 3 – 12h00 – 13h30

Susana de Castro (PPGF/UFRJ)

O movimento do prazer na imaginação

Aristóteles inicia o capítulo 11 do livro I da Retórica afirmando que o prazer (hêdonê) é uma forma de movimento (kinêsis) da alma [1369b 1]. Desejamos aquilo que nos falta, já afirmava Sócrates. A falta, a ausência, provoca o desejo pelo ausente: quem sente sede, deseja água, e esse desejo a faz ir à busca de um copo de água, mas, por outro lado, a imaginação (phantasia) de um copo de água já é em si, diz, Aristóteles uma forma de percepção que provoca prazer. Interessa aqui falar, porém, de um movimento que não leva à ação concreta, mas à ação imaginativa, o movimento do desejo. O desejo provocado por Eros como os desejos provocados por necessidades fisiológicas, mexe com o movimento imaginativo da alma em torno do binômio 'falta – preenchimento', mas ao contrário do segundo, o desejo erótico não quer no fundo se preenchido, concretizado. Por um lado, o desejo erótico está calcado na idealização da imaginação – e como entre o ideal e o real há um fosso, a conquista do objeto amoroso pode significar o fim do desejo – na realidade a pessoa que se deseja não existe. O real jamais chega aos pés do ideal, por isso para não eliminar a tensão erótica do desejo, ao contrário da sede, não é possível preencher essa falta, essa ausência do ser amado. A imaginação do amante o leva a desejar o ser amado, mas o prazer conduz à idealização, à cristalização do ser amado distante em uma figura perfeita. Quanto mais perto, presente ele/ela estiver mais a idealização perde sua força e a falta desejante se esvai. Por isso, Sapho chamava

o desejo erótico de 'doceamargo' (glukupikron): ele se sustenta na ausência (Carson, 1986). Por outro lado, a dinâmica do desejo implica a falta, pois não se deseja o que se já tem, de modo que o desejo instaura uma situação paradoxal, sua razão de ser implica um não ser.

Prof. Marcus Reis Pinheiro (UFF)

A influência do Éter sobre os 4 elementos em Aristóteles.

Esta apresentação faz parte de uma pesquisa maior sobre as influências de Ptolomeu em sua obra de astrologia, o Tetrabiblos. A partir de um estudo sobre as cosmologias de Platão, Aristóteles e dos estoicos, se perguntou quais seriam os argumentos para se afirmar tão claramente na antiguidade tardia que os astros influenciam a vida na terra. Podem-se encontrar em Aristóteles três formulações básicas sobre como haveria uma influência do éter sobre os 4 elementos, isto é, uma influência do corpo que compõe os céus (éter), sobre os corpos que compõem a Terra e seu entorno (4 elementos). (1) Em Meteorologica I, 2, ele afirma que o éter seria algum tipo de causa formal para os restantes dos elementos, que ocupariam o lugar de causa material. (2) Já no De Caelo II,7, Aristóteles retoma a existência de dois tipos de vapores desenvolvida em Meteorologica e afirma que um desses vapores, a exalação (anathymiasis), aquela mais próxima do éter, se tornaria incandescente por causa do atrito entre ela e o éter. Por fim, (3) em Geração e Corrupção II, 10, Aristóteles diz que a causa da geração e da corrupção é a translação ao longo da eclíptica. Essas três formulações serão apresentadas e discutidas em nossa apresentação.

Mesa 4 – 15h30 – 17h30

Ana Flaksman

Sobre o infinito e o movimento na Física de Aristóteles

Resumo: Nesta fala, experimentarei discutir alguns pontos do tratado do infinito (Física III, caps. 4 a 8) à luz tanto da definição de movimento realizada logo antes, quanto de menções e reflexões sobre o movimento e o infinito feitas nos dois primeiros livros da Física.

Luís Felipe Bellintani Ribeiro

Sobre a tradução de enérgeia e entelékheia em Física III, 1-3"

Em se tratando da questão do movimento em Aristóteles, o par conceitual potência e ato não é apenas importante, ele praticamente esgota a própria noção de movimento, que, nos três primeiros capítulos do livro III da Física, passagem que se pode apelidar de "Tratado do Movimento", é definido como "o ato do ente

em potência [enquanto tal]". Nessa definição a palavra grega traduzida por "ato" é entelékheia, mas ao longo das 161 linhas do "Tratado do Movimento" Aristóteles emprega 19 vezes o termo entelékheia e 20 vezes o termo enérgeia, sem fazer, como alhures, uma distinção clara, levando alguns tradutores à resignação diante de uma quase sinonímia e à tradução quase automática de ambos os termos por "ato". Como traduzi-los afinal?

Mesa 5 – 18h00 – 20h00

Isabelle Koch (Aix-Marseille)

« Alexandre d’Aphrodise et la kinesis anaitios »

Alexandre d’Aphrodise a défendu une conception aristotélicienne de la responsabilité, en particulier dans son traité Sur le destin, où il se propose de présenter « la doctrine d’Aristote sur le destin et sur ce qui dépend de nous » (De fato, 1), ainsi que dans des textes de la Mantissa ou dans certaines Quaestiones. Cette défense l’a conduit à reprendre des arguments anti-déterministes traditionnels (par exemple l’argument par les conséquences juridico-morales ou sociales) et à en proposer de nouveaux.

Parmi ses arguments plutôt originaux et audacieux, on peut compter celui qui consiste à admettre l’existence d’un « mouvement sans cause », kinesis anaitios. Il est développé notamment en Mantissa XXII, dans un texte dont l’authenticité est fortement discutée. Je chercherai à montrer que ce texte, même s’il ne peut être attribué avec certitude à Alexandre, fait écho à des arguments authentiquement alexandriniens développés dans le traité Sur le destin.

Alexander of Aphrodisias has defended an aristotelian conception of responsibility, particularly in his treatise On Fate, which presents "Aristotle's doctrine about fate and what depends on us" (De fato, 1), and in some texts of Mantissa or Quaestiones. This defence led him to reiterate traditional anti-determinist arguments (for example the argument by legal, moral and social consequences) as well as to propose new ones.

Among his rather creative and bold arguments, we can include one that admits the existence of a movement without cause, kinesis anaitios. This point is developed in Mantissa XXII, through a passage whose authenticity is highly discussed. I will attempt to show that, even if this text cannot be attributed to Alexander with certainty, it echoes some genuine alexandrian arguments, developed in the treatise On Fate.

Lucas Angioni (Unicamp)

Premissas geométricas na explicação do movimento animal: 'metabasis' no Incessu Animalium?

QUARTA-FEIRA 06/09

COMUNICAÇÕES 13h30 – 16h30

Campo Elías Flórez Pabón

Hobbes e Aristóteles, o movimento como caminho para a ciência moderna

O filósofo de Malmesbury considerara que a filosofia Aristotélica ensinada nas universidades deve ser demolida como o conhecimento da tradição. No entanto, Hobbes tem claro que a filosofia não pode construir-se em argumentos tirados da autoridade, porque o conhecimento deixa de ser conhecimento e passa a converter-se em crença. Além do presente desafio de Hobbes frente à tradição, tem que reconhecesse que ele chega a essas conclusões por meio da influência das percepções cosmológicas da época, as quais são permeadas por sua visão de política, e permitem o desenvolvimento do aparato analógico hobbesiano que define padrões conceptuais, e modelos para enfrentar os fenômenos naturais, os quais em seu pensamento foram os prismas para produzir um cambio de paradigma. Assim, surge a pergunta de quais são os referentes dinâmicos engajados no pensamento hobbesiano para que pretenda derrubar o estatuto de Laud no século XVII para produzir uma revolução. E sem dúvida, de novo aparece a relação entre Hobbes e Aristóteles em esse âmbito de proto-ciência. A qual se converterá na tese do presente escrito, a saber: a transformação sistemática da cosmologia aristotélica por parte de Hobbes como seu alicerce para derrubar o estatuto audiano, através da cosmologia aristotélica remodelada radicalmente em sua sustância, para dar cabida a os descobrimentos dos contemporâneos como Galileu, e fundar na idéia de movimento todo seu pensamento.

Bruno Conte

A Doxa de Parmênides e seus princípios

Os séculos XVIII e XIX são marcados pelos esforços modernos de reconstrução do poema de Parmênides, que se consolidam na apresentação da edição Diels-Kranz, tornada referência para o estudo dos assim chamados Pré-Socráticos. Tal apresentação do poema, no entanto, partiu de pressupostos filológicos que, ainda hoje, carecem de uma adequada revisão, e mais precisamente no que diz respeito ao princípio dicotômico segundo o qual se procedeu à edição das citações ao Poema (os “fragmentos”), dividindo-o em Verdade (Alêtheia) e Opinião (Doxa). Como procuramos demonstrar, as notícias doxográficas que acompanham tais citações, através da indicação pela expressão *ta pros doxan*, presente nesses relatos, parecem muito mais apontar, como nos parece, em direção a uma versão “deflacionista” da Doxa — restringindo-a aos versos B8,53-61 e B9,1-4 —, em distinção à seção cosmogônica propriamente dita, a que ela é usualmente assimilada. Partindo dessa hipótese, gostaríamos de focalizar a interpretação desses versos por nossas fontes doxográficas. Em particular, trata-se de apresentar o núcleo dessa interpretação, que consiste em definir a seção do

poema pelo que se leu como a enunciação de um dualismo de princípios. Na presente comunicação, gostaríamos de analisar a formação dessa tradição a partir de Aristóteles, em particular explicitando como o entendimento do contexto de sua crítica ao eleatismo na Física permite esclarecer e dissipar alguns aparentes paradoxos interpretativos.

André Alonso

Movimento: conceito basilar da psicologia de Aristóteles

No pequeno tratado que é o *De Anima* de Aristóteles, os termos ligados à noção de movimento consubstanciada no radical κιν- ocorrem mais de trezentas vezes. Tal fato é facilmente compreensível, uma vez que se tenha o reto entendimento de que a psicologia aristotélica está inserida no âmbito maior da Filosofia da Natureza (“Física”) e que os seres naturais têm todos em si mesmos um princípio de movimento: “Dos seres, alguns são por natureza, outros por outras causas; por natureza são os animais e suas partes, as plantas e, dentre os corpos, os simples, como a terra, o fogo, o ar e a água (com efeito, dizemos que essas e outras coisas semelhantes são por natureza). Todas essas coisas claramente se diferenciam das que não estão constituídas por natureza, pois cada uma delas tem em si um princípio de movimento e de estabilidade, umas quanto ao lugar, outras quanto ao aumento e à diminuição, outras quanto à alteração” (Física, 192b 8-15). Ora, o princípio desse movimento e desse repouso é precisamente a natureza: “[...] porque a natureza é, naquilo a que pertence primeiramente por si e não por acidente, um princípio e uma causa do mover-se e do estar em repouso” (Física, 192b 20-23). Entre os seres naturais, portanto, uns são animados, outros inanimados. Todos, porém, possuem em si um princípio de movimento. Por conseguinte, o conceito de movimento parece ser um elemento essencial no âmbito da psicologia de Aristóteles. O objetivo do presente trabalho é examinar alguns usos e funções de tal conceito no âmbito do *De Anima*.

Matheus Oliveira Damião

Dimensões e direções: uma leitura teleológica dos sentidos de διαστάσεις em Aristóteles

O presente trabalho tem por objetivo sugerir uma leitura que reafirma as aproximações, propostas por Lennox (2009), entre os dois tipos de sentido do conceito de διαστάσεις, encontrados, respectivamente, em *De Caelo* I 1 e em *De Incessu animalium*. Enquanto a relação em Lennox (2009) é feita a partir sobretudo de *De Caelo* II 2, a aproximação aqui será feita a partir de uma perspectiva teleológica das definições de διαστάσεις, que, ao indicarem uma leitura não-estática da estrutura dos seres vivos, parecem unir os dois sentidos.

Francisco Caruso & Roberto Moreira Xavier de Araújo

Espaço em Aristóteles: da bidimensionalidade do topos às seis dimensões que definem os animais

Procura-se esclarecer porque o número de dimensões do espaço é diferente em diferentes obras de Aristóteles. A questão central que justifica tal diferença parece se encontrar na sua visão de movimento.

ENCERRAMENTO - 17h00

Pierre-Marie Morel

Mouvement et génération chez Aristote. À propos de l'unité du corpus biologique.

At first sight, Generation of animals and Movement of animals meet only on particular points, and their convergence seems to be accidental. However, further investigations show that GA and MA are deeply connected. Three points deserve a particular attention. (1) The last lines of MA announce GA's project as the following part of a common scientific agenda. (2) Both treatises have recourse to the mechanical model of automatic puppets, in order to explain the dynamic processes they deal with (in MA: the spontaneous modification of parts which explains local motion; in GA: the persisting power of the generative mover during the process of generation). (3) In both treatises, the agent-patient relation plays a fundamental role and it is set out in very similar terms. In conclusion, without formulating any hypothesis about the chronological order of the treatises, one may assume that MA (at least partly) and GA belong to the same agenda: the explanation of the inner or organic movements of the animal, and especially the analysis of the relation between mover and moved.